



OS DOIS SENTIDOS DA CRÍTICA NIETZSCHEANA: SÓCRATES COMO UM CASO EXEMPLAR

THE TWO SENSES OF THE NIETZSCHEAN CRITICISM: SOCRATES AS AN EXAMPLAR CASE

Ana Carolina da Costa e Fonseca*

RESUMO – Toma-se a crítica de Nietzsche a Sócrates como um caso exemplar que mostra os dois sentidos fundamentais da crítica nietzscheana: (i) a crítica nietzscheana consiste em censura e em elogio de modo dual, ou seja, censura e elogio são *aspectos* da crítica; e (ii) ao criticar alguém, Nietzsche está, igualmente, se autocriticando.

PALAVRAS-CHAVE – Nietzsche. Sócrates. Crítica. Autocrítica. Dualidade.

ABSTRACT – This paper discusses Nietzsche's critique of Socrates as a paradigmatic case which exemplifies the two fundamental dimensions of the Nietzschean concept of "critique": (i) a "critique" contains both blame and praise, which are different though coexistent and compatible *aspects* of a critical procedure; and (ii) Nietzsche's "critique" is a *process of self-criticism*. When Nietzsche criticizes someone, he is always criticizing some aspect of his own thought or experience.

KEYWORDS – Nietzsche. Socrates. Critic. Self-criticism. Duality.

A partir de um exame da literatura sobre a matéria, procuro formular uma concepção mais ampliada da crítica de Nietzsche a Sócrates. Ao longo de sua obra, Nietzsche critica vários dos homens cujo desempenho consideramos brilhante em diferentes áreas, por exemplo: Wagner, na música; Kant e Pascal, na filosofia; Stendhal, na literatura; Jesus Cristo, na religião. Nietzsche não critica e tampouco elogia sem restrições. Por

* Professora de Filosofia na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e de Filosofia do Direito na Faculdade do Ministério Público (FMP). Doutora em Filosofia (UFRGS). E-mail: <anacf@ufcspa.edu.br>.

isso, é preciso perguntar, o que, de fato, significa a crítica de Nietzsche. Mostro, ao longo deste artigo, que a crítica nietzscheana tem um sentido dual¹ de censura e de elogio e é um exercício de autocrítica.

Para mostrar os dois aspectos fundamentais da crítica nietzscheana, tomo Sócrates como um caso exemplar. Nietzsche critica Sócrates, especialmente, em relação a três aspectos: sua forma de vida, seu método de investigação e pela criação da moralidade como um problema filosófico.² Apresento alguns desses aspectos ao longo do artigo ao retomar uma discussão entre comentadores que entendem que Nietzsche ou apenas censura ou censura e elogia Sócrates. Ao esclarecer em que consiste a crítica de Nietzsche a Sócrates e como é possível uma crítica que tanto elogia, como censura, mostro quão complexo é o ato de criticar realizado por Nietzsche. E, com isso, fica claro que, interpretar a crítica de Nietzsche apenas como censura, é uma grosseira simplificação da filosofia nietzscheana.

Há duas³ posições possíveis a respeito do significado da palavra “crítica” ao se tratar da crítica de Nietzsche a Sócrates. Pode-se considerar que i) Nietzsche apenas censura Sócrates ou ii) Nietzsche tanto elogia, como censura Sócrates. Defender a primeira posição significa ignorar as várias passagens em que Nietzsche censura explicitamente Sócrates.

¹ Utilizo os termos dual e dualidade em dois sentidos. No sentido trágico, ser dual significa ser uma coisa e o seu contrário simultaneamente. Por exemplo, Antígona e Creonte, na tragédia *Antígona*, realizam ações que podem, ao mesmo tempo e sob aspectos diferentes, ser valoradas ora positiva, ora negativamente. No sentido socrático, as dualidades são irreconciliáveis, ou seja, uma ação é ou boa ou má, não havendo possibilidade de coexistência entre bondade e maldade. Para Nietzsche, os conceitos são duais no sentido trágico do termo.

² Esses aspectos foram longamente discutidos em minha dissertação de mestrado intitulada “Três aspectos da crítica de Nietzsche a Sócrates: forma de vida, método de investigação e moralidade”. Os aspectos desta crítica decorrem da constatação de que os seres humanos atuam no mundo de diversas maneiras. Algumas dessas maneiras são contraditórias entre si. Para possibilitar a convivência entre os diversos modos de agir, o ser humano tenta estabelecer critérios reguladores desta convivência. Para tentar compreender o agir de cada ser humano, inclusive o seu próprio agir, e para justificar os critérios estabelecidos, o ser humano precisa conhecer o que pretende compreender. Desse modo, o ser humano cria métodos para conhecer, ou seja, métodos de investigação. Com alguns desses métodos, ele “descobre” a moralidade. A moralidade estabelece o modo adequado de o ser humano conduzir-se em sociedade. O caminho percorrido pela criatividade humana – vida, conhecimento e moralidade – corresponde aos três capítulos da dissertação.

³ Evidentemente, uma crítica pode ser entendida também como mero elogio. Desconheço, contudo, alguém que defenda que Nietzsche apenas elogia Sócrates. A profusão de passagens em que Sócrates é criticado parece justificar que o problema esteja em determinar se Nietzsche, além de criticar, elogia Sócrates. É estranho que, apesar de haver, igualmente, muitas passagens com elogios, há comentadores que insistem em afirmar que Nietzsche apenas critica Sócrates.

Contudo, como já foi expresso, há comentadores, dentre os quais Thomas Jovanovski⁴, que defendem a primeira posição, ou seja, consideram que Nietzsche apenas critica Sócrates. Respondo a esses comentadores mostrando-lhes que a crítica de Nietzsche a Sócrates não apenas não consiste em mera censura, como alguns comentadores afirmam, como também esta crítica dirige-se ao próprio Nietzsche.⁵

1 Kaufmann e Dannhauser: a dualidade nietzscheana

De acordo com Walter Kaufmann, tornou-se um dogma entre os comentadores afirmar que Nietzsche apenas censura Sócrates; a posição de Nietzsche, contudo, deve ser considerada no mínimo ambígua. Por isso, segundo Kaufmann⁶, se quiséssemos determinar se Nietzsche elogia ou censura Sócrates, deveríamos analisar tanto as passagens que se referem explicitamente a Sócrates, quanto as passagens que dizem respeito implicitamente ao filósofo, como pretende ter feito no seu artigo “Nietzsche’s attitude toward Socrates”. Faço duas objeções a tal exigência: i) um artigo como o de Kaufmann é excessivamente exíguo para tal empreendimento⁷, ii) a exaustibilidade não é necessária para determinar o caráter da crítica, bastando evidenciar a existência de dualidade. Para o ponto que ora discuto, é irrelevante determinar se há predominância ou de elogio ou de censura. Além disso, é possível, e preferível, discutir a questão apenas com as passagens em que Nietzsche refere-se diretamente a Sócrates, pois evita que se atribuam ao filósofo afirmações que ele, de fato, não fez – atitude, lamentavelmente, comum entre comentadores de Nietzsche.

Kaufmann afirma que Nietzsche não é “inicialmente ‘a favor’ ou ‘contra’: ele tenta compreender”⁸. Esta atitude assenta-se em uma posição filosófica que é “livre” por não estar presa a um sistema ao qual

⁴ Conforme o próprio Thomas Jovanovski, sua intenção é mostrar os erros da interpretação de Kaufman ao tratar da crítica de Nietzsche a Sócrates (em “Walter Kaufmann’s ‘Nietzsche’s attitude toward Socrates’”, p. 358) e, com isso, Jovanovski revela que, para ele, Nietzsche apenas censura Sócrates. Meu artigo mostra exatamente o contrário. Ignorar os elogios que Nietzsche faz a Sócrates é um grave erro de exegese.

⁵ Dentre os que defendem que Nietzsche tanto critica, como elogia Sócrates estão Alexander Nehamas, Walter Kaufmann, Werner Dannhauser e Pierre Hadot. Por exemplo, ao escrever sobre as máscaras de Nietzsche, Hadot afirma que Sócrates é uma dessas máscaras e que a sua relação com Sócrates é de amor e de ódio. Conforme Pierre Hadot, “The figure of Socrates”, p. 150-151.

⁶ KAUFMANN, Walter. “Nietzsche’s attitude toward Socrates”, p. 123.

⁷ No mesmo sentido, Thomas Jovanovski, em: “Walter Kaufmann’s ‘Nietzsche’s attitude toward Socrates’”, p. 344.

⁸ KAUFMANN, Walter. “Nietzsche’s attitude toward Socrates”, p. 124. Livre tradução de: “he [Nietzsche] was not primarily ‘for’ or ‘against’: he tried to comprehend”.

sua posição precisaria adequar-se. E, por ser livre de alguns preconceitos filosóficos, Nietzsche não precisa aceitar e defender alguns pressupostos necessários para que sua filosofia seja e se mantenha coerente. Nietzsche sequer tem um sistema, e a contradição, que, para outros filósofos, indica um erro, para Nietzsche é apenas uma característica do processo de pensamento humano.

Segundo Kaufmann, as críticas de Nietzsche têm três focos. “Em geral, Nietzsche distingue entre (1) homens que ele admira, (2) as ideias que eles defendem, e (3) seus seguidores.”⁹ Essa distinção pode ser aplicada a Sócrates:

- (1) Sócrates é criticado e admirado.
- (2) Três aspectos da filosofia socrática são criticados.¹⁰
- (3) Platão é criticado porque a sua metafísica desvaloriza a realidade efetiva, o mundo sensível, e valoriza o mundo inteligível. Eurípedes é criticado pela maneira como escreve as suas tragédias, por seu estilo excessivamente socrático¹¹, que acaba com a (elogiada) tensão narrativa de seus antecessores, quando, por exemplo, o prólogo eurípidiano antecipa os acontecimentos da peça e o epílogo aponta o que devemos concluir a partir do ocorrido¹².

Nietzsche considera Sócrates um grande homem.¹³ No mínimo, suficientemente grande para ser largamente criticado em sua obra. Reduzir a crítica de Nietzsche a Sócrates a apenas um aspecto, ou seja, a uma censura, significa interpretar Nietzsche socraticamente. Nietzsche

⁹ KAUFMANN, Walter. “Nietzsche’s attitude toward Socrates”, p. 129. Livre tradução de: “Quite generally, Nietzsche distinguishes between (1) men whom he admires, (2) the ideas for which they stand, and (3) their followers.”

¹⁰ Ver nota 2.

¹¹ Conforme Nietzsche, em *Sócrates e a tragédia* [Socrates und die Tragoedie], “Eurípedes é o poeta do racionalismo socrático.” Livre tradução de: “Euripides ist der Dichter des sokratischen Rationalismus”, KSA, v. 1, p. 540.

¹² Conforme Nietzsche, em *Sócrates e a tragédia*, “[n]ada pode ser mais oposto à nossa técnica cênica do que o prólogo de Eurípedes. Que uma personagem, divindade ou herói, entrando em cena desacompanhada, conte no início da peça quem ela é, o que antecede a ação, o que aconteceu até então, o que acontecerá no decorrer da peça, seria descrito por um poeta de teatro moderno, de fato, como intencional renúncia ao efeito da tensão. Sabe-se tudo: o que aconteceu, o que acontecerá? quem querará esperar pelo fim?” Livre tradução de: “Nichts kann unserer Bühnentechnik widerstrebender sein als der Prolog bei Euripides. Daß eine einzeln auftretende Person, Gottheit oder Heros, am Eingange des Stücks erzählt, wer sie sei, was der Handlung vorangehe, was bis jetzt geschehen, ja was im Verlauf des Stückes geschehen werde, das würde ein moderner Theaterdichter geradezu als muthwillige Verzichtleistung auf den Effekt der Spannung bezeichnen. Man weiß ja alles, was geschehen ist, was geschehen wird? wer wird das Ende abwarten wollen?” (KSA, v. 1, p. 538.)

¹³ KAUFMANN, Walter. “Nietzsche’s attitude toward Socrates”, p. 138.

não é socrático.¹⁴ (Repare que, seguidamente, são a filosofia socrática e o socratismo¹⁵, e não o homem Sócrates, que estão sendo atacados por Nietzsche.¹⁶) Para Nietzsche, bem e mal são *aspectos* de pessoas e de ações, não, *critérios* para classificá-los. Sócrates e Platão podem classificar pessoas e ações atribuindo-lhes valores positivos ou negativos porque há um mundo ideal com o qual comparar este mundo. Para Nietzsche, não há outro mundo, a comparação é impossível e, por isso, o seu critério de avaliação é, e só pode ser, a própria vida.

Conforme Dannhauser, Kaufmann propõe que se supere a tentativa de estabelecer se “Nietzsche tanto amava, quanto odiava Sócrates” e se passe a perguntar “qual, mais precisamente, era sua *relação* com Sócrates”¹⁷. A posição de Nietzsche em relação a Sócrates é exatamente uma *relação* e não algo *excludente*, e, sendo uma relação, pode consistir ora em elogio, ora em censura. Uma das falhas na interpretação de Kaufmann, consoante Dannhauser, está, precisamente, em não explorar a dualidade entre o amar e o odiar.¹⁸

¹⁴ Nietzsche contrapõe ao método dialético-socrático o seu próprio método de investigação, a genealogia. O método dialético caracteriza-se por discutir conceitos por uma sucessão de perguntas e de respostas, que visa a esclarecer conceitos propostos na própria discussão. Nietzsche considera esse método equivocado porque ele cria os conceitos que se propõe a discutir. A investigação pelo método genealógico visa a conhecer a origem dos conceitos, isso significa investigar os seres humanos que criam conceitos, bem como os motivos pelos quais os conceitos foram criados, ao invés de investigar sobre o significado dos conceitos. Com o auxílio do método genealógico, Nietzsche formula uma tipologia em que identifica e classifica tipos humanos. Nietzsche não atribui imutabilidade ontológica aos conceitos. Ele toma-os como criações humanas que revelam o tipo humano do seu criador. O objeto de investigação é o próprio homem como ser criador. Com a genealogia, a pergunta “o que é x?”, na qual “x” equivale a um conceito, é substituída pela pergunta “quem criou x?”, ou seja, o que representa determinada criação humana para quem a cria e para quem a aceita como uma verdade absoluta passível de ser descoberta. Gilles Deleuze, em seu livro *Nietzsche et la philosophie*, explica o método de Nietzsche como uma alteração no modo de formular as perguntas, ou seja, como uma substituição da pergunta “qui?” pela pergunta “qu'est-ce qu'il veut...?”, p. 88-90.

¹⁵ Socratismo é uma maneira de pensar que valoriza a razão em detrimento dos instintos e que, segundo Nietzsche, é anterior ao próprio Sócrates. Conforme Nietzsche, “[o] socratismo despreza o instinto e com isso a arte” e “[o] socratismo é mais antigo do que Sócrates.” Livro tradução de: “Der Sokratismus verachtet den Instinkt und damit die Kunst.” (KSA, v.1, p. 542). “Der Sokratismus ist älter als Sokrates.” (KSA, v. 1, p. 545.)

¹⁶ Nietzsche distingue Sócrates do socratismo. In: *Sócrates e a tragédia* (KSA, v. 1, p. 533-549), veja especialmente as páginas 540-547.

¹⁷ Werner Dannhauser em *Nietzsche's view of Socrates*, p. 31, refere-se ao trecho: “... he criticizes Bertram for saying, among other things, that Nietzsche both loved and hated Socrates. He asks why one cannot ask, 'What, more precisely, was his relation to Socrates?'. In answer to this question, Kaufmann later speaks of Nietzsche's admiration for Socrates.”

¹⁸ Walter Kaufmann comete o mesmo erro ao tratar da crítica de Nietzsche a Eurípedes em “Nietzsche and the death of tragedy: a critique”.

Nietzsche elogia Sócrates naquilo em que ambos são parecidos: o que é um problema para Sócrates também é um problema para Nietzsche como, por exemplo, a questão da moralidade. Porém, Nietzsche critica Sócrates pelo *modo* como Sócrates avalia os valores.¹⁹ Outra diferença fundamental está no modo como ambos valorizam a vida. A vontade de potência de Sócrates, o impulso fundamental de suas ações, é criticada, pois a vontade de potência socrática nega a vida e Sócrates²⁰ não cria valores apenas para si, ao contrário, ele pretende que seus valores sejam válidos para todos. Expresso de outro modo, Nietzsche e Sócrates criam novos valores, mas, segundo Nietzsche, eles estão em polos opostos porque Sócrates é um decadente²¹.

¹⁹ O ser humano fraco cria a moralidade e a forma de instituí-la, a educação moral, e, com isso, pretende melhorar a humanidade. Nietzsche critica o pretensão melhoramento da humanidade decorrente da educação moral. A moralidade estabelece um número limitado de ações que podem ser ditas boas, ou morais. O que não estiver previsto como moral, ou porque é dito imoral ou porque ainda não foi feito, é considerado mau. Com isso, a realidade é simplificada. O que não for previsto é repudiado. Para que a moralidade e os seus efeitos no ser humano sejam superados é preciso que as ações sejam valoradas tragicamente. Valorar tragicamente as ações significa considerá-las além do bem e do mal, ou seja, considerá-las ao mesmo tempo boas em relação a alguns aspectos e más em relação a outros. Nietzsche defende que a vida, e não preconceitos morais, seja o critério de julgamento para determinar o valor moral de uma ação.

²⁰ Conforme Alexander Nehamas, em *The art of living*, p. 136, é possível atribuir a Platão, e não a Sócrates, a defesa de uma vida após a morte, ideia que aparece de forma incipiente em *Criton* e de forma mais elaborada em *Fédon*. Não obstante isso, a crítica de Nietzsche à desvalorização da vida promovida por Sócrates justifica-se, por exemplo, por Sócrates ter dito, pouco antes de morrer, que devia um galo a Asclépio, o deus da cura, por ter lhe curado da doença que é estar vivo. Veja-se a seguinte citação de Nietzsche: “Em todos os tempos os mais sábios julgaram a vida do mesmo modo: *ela nada vale...* Sempre e por toda parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas. Um tom cheio de dúvidas, cheio de melancolia, cheio de cansaço da vida, cheio de resistência contra a vida. O próprio Sócrates disse ao morrer: ‘viver – significa estar doente há muito tempo: eu devo um galo a Asclépio curador’. O próprio Sócrates estava cansado da vida. – O que isso *demonstra*? Para onde isso *aponta*? ... Primeiramente, deveríamos observar mais de perto esses sábios de todos os tempos! Estariam eles não mais firmes sobre as pernas? atrasados? cambaleantes? *Décadents*? Apresenta-se a sabedoria como um corvo sobre a terra, ao qual um pequeno odor de carniça entusiasma?...” (*O crepúsculo dos ídolos*, O problema de Sócrates, 1) (Está grifado no original.) Livre tradução de: “Über das Leben haben zu allen Zeiten die Weisesten gleich geurtheilt: *es taugt nichts...* Immer und überall hat man aus ihrem Munde denselben Klang gehört, – einem Klang voll Zweifel, voll Schwermuth, voll Müdigkeit am Leben, voll Widerstand gegen das Leben. Selbst Sokrates sagte, als er starb: ‘leben – das heisst lange krank sein: ich bin dem Heilande Asklepios einen Hahn schuldig.’ Selbst Sokrates hatte es satt. – Was beweist das? Worauf weist das? diese Weisesten aller Zeiten, man sollte sie sich erst aus der Nähe ansehen! Waren sie vielleicht allesammt auf den Beinen nicht mehr fest? spät? wackelig? *décadents*? Erschiene die Weisheit vielleicht auf Erden als Rabe, den ein kleiner Geruch von Aas begeistert?...” (KSA, v. 6, p. 67.)

²¹ No mesmo sentido, Alexander Nehamas, *The art of living*, p. 152.

2 Nietzsche como psicólogo: o primeiro passo para a autocrítica

Nietzsche, o filósofo que se diz um psicólogo²², analisa outros filósofos como se fossem seus pacientes, sem pretender curá-los ou melhorá-los, apenas para conhecer e explicar as suas doenças. Entre as doenças, está o ato de tomar necessidades humanas como necessidades metafísicas, por exemplo, ao considerar necessário distinguir o bem do mal de modo absoluto. Sócrates, o criador da moralidade como um problema²³, é um dos doentes analisados. E assim como um psicólogo não é a favor ou contra os seus pacientes, tampouco Nietzsche é a favor ou contra outros filósofos. A atividade do psicólogo não exige elogio ou censura, exige apenas que o paciente torne-se consciente de si mesmo.

Passagens de livros anteriores a *Gaia Ciência* (1882) podem dar a falsa impressão de que Nietzsche apenas critica Sócrates. Veja-se, por exemplo, o aforismo 544 de *Aurora* (1881):

Como se faz filosofia agora – Foi Sócrates quem descobriu o feitiço oposto, o da causa e do efeito, do fundamento e da consequência: e nós, homens modernos, estamos tão habituados à necessidade da lógica e educados para ela, que a temos sobre a língua como o gosto normal e, como tal, ela há de repugnar os ávidos e presunçosos.²⁴

²² “Quem, entre os filósofos, foi antes de mim psicólogo, e não o seu oposto, ‘superior embusteiro’, ‘idealista’?” (EH, Por que sou um destino, 6.) Livre tradução de: “Wer war überhaupt vor mir unter den Philosophen Psycholog und nicht vielmehr dessen Gegensatz ‘höherer Schwindler’, ‘Idealist’?” (KSA, v. 6, p. 371.)

²³ Nietzsche acusa Sócrates de ser o criador da moralidade como um problema, o “velho problema da moral surgiu primeiramente na pessoa de Sócrates”, *Além do bem e do mal*, 191, grifei. (Livre tradução de: “.... alte moralische Problem ... es zuerst in der Person des Sokrates auftrat” KSA, v. 5, p. 112.) Para Nietzsche, Sócrates não é apenas o criador da moralidade como um conjunto de valores, mas o criador da moralidade como um problema a ser resolvido pela filosofia, ou seja, a partir de Sócrates, cabe à filosofia determinar o conjunto de valores que deve ser considerado o melhor conjunto de valores a ser seguido por todos os seres humanos. A partir de Sócrates, os filósofos passam a pretender classificar as ações como boas ou más e apenas como boas ou más. Esta oposição irreconciliável entre bem e mal contrapõe-se à dualidade do modo de pensar trágico, no qual bem e mal são aspectos da mesma ação. Os trágicos também examinavam as ações humanas, mas não em busca de critérios absolutos de avaliação. Sobre o significado do tipo de pergunta introduzido por Sócrates no cenário filosófico, leia-se “Socrate’s question”, in: WILLIAMS, Bernard. *Ethics and the limits of Philosophy*, p. 1-21.

²⁴ Livre tradução de: “Wie man jetzt Philosophie treibt – Sokrates war es, der den entgegengesetzten Zauber, den der Ursache und Wirkung, des Grundes und der Folge entdeckte: und wir modernen Menschen sind so sehr an die Nothdurft der Logik gewöhnt und zu ihr erzogen, dass sie uns als der normale Geschmack auf der Zunge liegt und als solche den Lüsternen und Dünkelhaften zuwider sein muss.” (*Morgenröthe*, 544; KSA, v. 3, p. 314-315.)

O aforismo 340 de *Gaia Ciência*, contudo, deixa claro que Nietzsche também elogia Sócrates.

O Sócrates moribundo. – *Admiro a coragem e a sabedoria de Sócrates em tudo o que ele fez, disse – e não disse. Esse irônico e apaixonado monstro e caçador de ratos de Atenas, que fazia estremecer e soluçar os jovens mais altivos, não era somente o mais sábio dos tagarelas que houve: ele era igualmente grande ao calar.*²⁵

A comparação do parágrafo 340 de *Gaia ciência* com o parágrafo 544 de *Aurora* mostra o problema com que se deparam alguns comentadores de Nietzsche. Não obstante, compreende-se melhor o outro aspecto da crítica de Nietzsche por uma epigrama do final da primeira parte de *Zarathustra*. “O homem do conhecimento [*Der Mensch der Erkenntniss*] deve ser capaz não apenas de amar seus inimigos, mas também de odiar seus amigos.”²⁶ Nietzsche foi um *Mensch der Erkenntniss* e, por isso, deveria ser hábil em amar inimigos e em odiar amigos. A confissão de *Gaia ciência*, 340, faz-nos supor que Nietzsche ou amou Sócrates como um inimigo, ou odiou Sócrates como um amigo. Em ambos os casos, há dualidade em relação a Sócrates. De fato, Nietzsche amou e odiou o seu amigo/inimigo Sócrates. Sócrates é amado por ser um criador de valores e é um inimigo por criar valores que negam a vida. Sócrates é odiado por ser um decadente e é um amigo em sentido aristotélico. Nietzsche se reconhece em Sócrates e, por isso, ao criticar Sócrates, está se autocriticando.

3 Crítica como autocrítica

Alexander Nehamas também examina o significado da crítica de Nietzsche a Sócrates²⁷. Nehamas inicia a discussão comentando, ironicamente, que, poderia parecer estranho ao leitor, Nietzsche ter criticado Sócrates em *O nascimento da tragédia* e poucos anos depois ter elogiado Sócrates em *Humano, demasiado humano*.²⁸ Após, ele afirma que “[q]uase toda crítica feita por Nietzsche a Sócrates em seus últimos

²⁵ Livre tradução de: “*Der sterbende Sokrates*. – Ich bewundere die Tapferkeit und Weisheit des Sokrates in Allem, was er that, sagte – und nicht sagte. Dieser spöttische und verliebte Unhold und Rattenfänger Athens, der die übermüthigsten Jünglinge zittern und schluchzen machte, war nicht nur der weiseste Schwätzer, den es gegeben hat: er war ebenso gross im Schweigen.” (KSA, v. 3, p. 569.)

²⁶ Livre tradução de: “*Der Mensch der Erkenntniss* muss nicht nur seine Feinde lieben, sondern auch seine Freunde hassen können.” (KSA, v. 4, p. 101.)

²⁷ Veja o quinto capítulo do livro *The art of living*, intitulado “A reason for Socrates’ face: Nietzsche on ‘the problem of Socrates’”.

²⁸ NEHAMAS, Alexander. *The art of living*, p. 131.

trabalhos é uma crítica pessoal”.²⁹ Nehamas esclarece o significado da palavra pessoal ao citar uma nota de um ensaio inacabado de Nietzsche. “Sócrates, para confessar isto simplesmente, está tão perto de mim que eu quase sempre luto uma batalha com ele.”³⁰ Nietzsche sente-se tão próximo de Sócrates que, ao criticar Sócrates, está também se autocriticando. A crítica pessoal feita por Nietzsche é pessoal tanto em relação a Sócrates, como em relação ao próprio Nietzsche. Lutar uma batalha com Sócrates significa lutar uma batalha consigo mesmo. Isso faz com que Nietzsche tenha aprendido com Sócrates devido às diferenças e às semelhanças entre ambos.³¹

Nehamas conclui que a “atitude de Nietzsche em relação a Sócrates era fundamentalmente ambivalente”³² porque o seu projeto filosófico é parecido com o projeto filosófico de Sócrates³³. Em termos nietzscheanos, a atitude de Nietzsche em relação a Sócrates é trágica, ou seja, Nietzsche não pretende simplesmente amar *ou* odiar Sócrates, amor e ódio são as duas faces da mesma moeda.

O ganho nietzscheano está em perceber que a filosofia exige, em grande parte, uma atitude de autocrítica e, neste aspecto, Nietzsche aproxima-se dos antigos. Para eles, a filosofia é um discurso teórico ao qual corresponde uma forma de vida, e filosofar é um exercício espiritual³⁴.

À guisa de conclusão: Nietzsche como crítico

Os resultados obtidos poderiam ser aplicados a outros pensadores. Sócrates foi tomado como um caso exemplar para mostrar que dualidade e autocrítica são aspectos da crítica nietzscheana.

Podemos dar mais um passo na compreensão desta crítica. Em *Ecce homo*, Nietzsche estabelece alguns “princípios de prática de guerra”³⁵,

²⁹ NEHAMAS, Alexander. *The art of living*, p. 132. Livre tradução de: “Almost every criticism Nietzsche makes of Socrates in his late works is a personal one.”

³⁰ NEHAMAS, Alexander. *The art of living*, p. 132. Livre tradução de: “Socrates, to confess it simply, stands so close to me, that I am almost always fighting a battle with him.”

³¹ NEHAMAS, Alexander. *The art of living*, p. 132.

³² NEHAMAS, Alexander. *The art of living*, p. 155. Livre tradução de: “Nietzsche’s attitude toward Socrates was therefore fundamentally ambivalent”.

³³ Neste sentido, Alexander Nehamas, afirma em *Nietzsche: life as literature*, p. 4, que “[t]he ambiguity of this relation [a relação de Nietzsche para com a filosofia] is reflected perfectly in Nietzsche’s attitude toward Socrates, which is neither purely positive nor purely negative but irreducibly ambivalent. Nietzsche realizes that his project is very similar to the project of Socrates...”

³⁴ Para a distinção entre filosofia como um discurso teórico e como um exercício espiritual, leia de Pierre Hadot, *O que é a filosofia antiga?*, especialmente, p. 15-24.

³⁵ Livre tradução de: “... Kriegs-Praxis ... Sätze...” (KSA, v. 6, p. 274.)

entenda-se guerra, evidentemente, como disputas filosóficas. O terceiro princípio explica como ele relaciona-se, entre outros, com Sócrates: “nunca ataco pessoas – sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento com que se pode tornar visível um estado de miséria geral, porém dissimulado, pouco palpável.”³⁶ (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, 7). A miséria geral é, ao mesmo tempo, a miséria do mundo e a própria miséria pessoal de Nietzsche. Sócrates, que é tão atacado, serve de “lente de aumento” para Nietzsche olhar para o mundo e para si mesmo. O quarto princípio explica o que significam, para Nietzsche, os seus “ataques” a pessoas: “atacar é em mim prova de benevolência, ocasionalmente de gratidão. Eu honro, eu distingo, ao ligar meu nome ao de uma causa, ao de uma pessoa: a favor ou contra – não faz diferença para mim”³⁷ (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, 7). Nietzsche critica Sócrates porque o admira. Ao criticar Sócrates, Nietzsche está honrando Sócrates. Os princípios de prática de guerra revelam os dois aspectos da crítica a este filósofo: Nietzsche olha para o mundo examinando os outros e a si mesmo, e esse exame dá-se sem simplificar nem a realidade, nem os seres humanos.

A noção completa da crítica de Nietzsche a Sócrates, portanto, é a soma de dois movimentos opostos: censura e elogio. E cada um desses movimentos contém uma segunda duplicidade: tanto censura, como elogio dirigem-se aos outros e a si mesmo. Sócrates é elogiado por criar valores e criticado pelos valores que cria. Essa duplicidade é o que chamei de dualidade. E ao elogiar ou censurar outros pensadores, Nietzsche reflete sobre si mesmo. A crítica volta-se para o filósofo como instrumento de autocrítica.

Referências

DANNHAUSER, Werner J. *Nietzsche's view of Socrates*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1974.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1998. [Trad. port. *Nietzsche e a filosofia*. Lisboa: Rés, s.d.]

HADOT, Pierre. “The figure of Socrates”. In: *Philosophy as a way of life: Spiritual exercises from Socrates to Foucault*. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1999. p. 147-178.

³⁶ Livre tradução de: “... ich greife nie Personen an, – ich bediene mich der Person nur wie eines starken Vergrößerungsglases, mit dem man einen allgemeinen, aber schleichenden, aber wenig greifbaren Nothstand sichtbar machen kann” (KSA, v. 6, p. 274).

³⁷ Livre tradução de: “... angreifen ist bei mir ein Beweis der Wohlwollens, unter Umständen der Dankbarkeit. Ich ehre, ich zeichne aus damit, dass ich meinen Namen mit dem einer Sache, einer Person verbinde: für oder wider – das gilt mir darin gleich” (KSA, v. 6, p. 275).

HADOT, Pierre. *Qu'est-ce que la philosophie antique?* Paris: Gallimard/Folio, 1999. [Trad. port. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.]

JOVANOVSKI, Thomas. "Critique of Walter Kaufmann's 'Nietzsche's attitude toward Socrates'", *Nietzsche-Studien*, v. 20, 1991, p. 329-358.

KAUFMANN, Walter. "Nietzsche's attitude toward Socrates". In: *Nietzsche: a critical reader*. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell Publishers, 1995. p. 123-143.

_____. "Nietzsche and the death of tragedy: a critique". In: *Studies in Nietzsche and classical tradition*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1976. p. 234-254.

NEHAMAS, Alexander. "A reason for Socrates' Face". In: *The Art of Living*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998. p. 128-156.

_____. *Nietzsche: life as literature*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Kritische Studienausgabe*. Organizado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: de Gruyter, 1999. 15 v.

_____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Zarathustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

WILLIAMS, Bernard. *Ethics and the limits of Philosophy*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1985.